

O ENSINO E APRENDIZAGEM DE INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA NO CONTEXTO DE PANDEMIA E ENSINO REMOTO: UM ESTUDO DO CASO.

Giovanna Gomes Sansero Vieira (giovanna-sansero@outlook.com)

Marcelo Saperas (msaperas@uol.com.br)

O ensino-aprendizagem do inglês passou por uma mudança em seu foco no contexto da educação básica e universitária a partir de 2017, quando se iniciaram as discussões a respeito das propostas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O inglês era ensinado como uma língua estrangeira (ILE) pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e, após as novas diretrizes curriculares, houve um direcionamento para a abordagem do inglês como língua franca (ILF). Assim, o objetivo desta investigação é entender como ocorrem as práticas de ensino-aprendizagem, dentro da vertente de ILF, num contexto pandêmico e de ensino remoto, em turmas de graduação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Trata-se de um estudo de caso que visa a compreender como ocorre a proposta do ILF, que descentraliza o falante nativo do inglês e expõe o/a aprendiz a diferentes tipos de ingleses, focando as práticas em sala de aula tanto do conteúdo como dos enunciados docente. Para tanto, observações foram feitas durante as aulas das disciplinas de Língua Inglesa I e Língua Inglesa II, em que notou-se que ainda há uma forte influência das abordagens americana e britânica para o ensino da língua. Neste sentido, a pesquisa se susteve com o apoio da Teoria da Avaliatividade (MARTIN, 2001), que favorece o entendimento das avaliações. Os resultados obtidos já eram os esperados: a implementação de ILF é rara (se não nula), o inglês ainda é ensinado como Língua Estrangeira, de forma a se espelhar o modelo “ideal” (e hegemônico) do falante nativo.

Os agradecimentos são direcionados ao orientador e coautor desta pesquisa, o professor doutor Marcelo Saperas e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por tornarem possíveis as análises realizadas.